



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE SAÚDE- FS
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

JÉSSICA PEIXOTO DIAS

**Vivenciando a maternidade no contexto acadêmico:
relato de experiência de uma estudante universitária do curso de
enfermagem**

BRASÍLIA -DF 2020

JÉSSICA PEIXOTO DIAS

**Vivenciando a maternidade no contexto acadêmico: relato de experiência
de uma estudante universitária do curso de enfermagem**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em enfermagem.

Orientadora: Profa. Ma. Mariana André Honorato Franzoi

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ma. Mariana André Honorato Franzoi
Presidente da Banca
Universidade de Brasília- UnB

Profa. Dra. Maria Aparecida Gussi
Membro Titular
Universidade de Brasília- UnB

Profa. Dra. Rita de Cássia Melão
Membro Titular
Universidade de Brasília- UnB

Profa. Ma. Bruna Marcela Lima
Membro suplente
Universidade de Brasília- UnB

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às mulheres da minha vida, minha mãe Luciana Peixoto e minha irmã Geciana Peixoto. Vocês foram o meu maior exemplo de força, garra e determinação. Levarei vocês comigo, muito obrigada por terem sido minhas mães, meu alicerce. Meu amor por vocês é imenso.

Ao meu amado e querido filho Arthur, sem ele não seria possível realizar este trabalho, ele passou por todos os desafios ao meu lado. Foi com ele que descobri o significado da palavra amor. Ele me transformou em uma mulher determinada e destemida, foi por ele que consegui finalizar essa graduação.

Ele é o ar que eu respiro, o sol da manhã e o conjunto de todas as forças existentes no meu ser. Ele é a mais pura e verdadeira personificação do amor. Prometo que farei de tudo para que se transforme em um ser humano de caráter, justo e amoroso. A ele, todo o meu amor.

Dedico também a todas as mães universitárias que batalham e batalharam pelo diploma da educação de nível superior, em especial as alunas do curso de enfermagem da universidade de Brasília. Juntas sorrimos e choramos, e principalmente, transgredimos barreiras que até nós mesmos achamos em algum momento que seriam impossíveis. Nós sabemos da nossa luta, sigamos juntas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por todos os dias a suas misericórdias serem renovadas sobre mim. Ele me fez forte nas dificuldades e adversidades da vida, fazendo com que eu ficasse cada vez mais corajosa e confiante para seguir os seus propósitos.

Aos meus pais Luciana e Geraldo pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Eles são meu exemplo de lealdade, honestidade e persistência.

Ao Gabriel, meu marido, companheiro e amigo. Palavras não serão suficientes para agradecer por todo apoio, seja ele financeiro ou emocional. Durante a graduação, ouviu minhas lamentações, choros e risos. Foi um guerreiro ao aguentar o meu mau humor, minha tensão nas semanas de provas e o meu cansaço diário nessa correria que foi conciliar a vida acadêmica e a maternidade.

Agradeço às minhas amigas de faculdade que compartilharam dos inúmeros desafios vividos, sempre com espírito colaborativo. Obrigada pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntas conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos.

Gostaria de agradecer em especial a minha querida amiga Jennifer, farmacêutica, formada pela Universidade de Brasília, que por inúmeras vezes foi a ouvinte das minhas reclamações e tristezas. Ela sempre me encorajou a seguir em frente e lutar pelos meus objetivos. Durante a realização deste trabalho, ela foi um grande exemplo de uma jovem mãe, forte, que enfrentou o mercado de trabalho e todos os seus desafios.

Agradeço à minha orientadora professora Mariana Franzoi que me auxiliou na realização deste trabalho de conclusão de curso. Muito obrigada por toda paciência e por ter me encorajado a relatar toda a minha trajetória como mãe e estudante do curso de enfermagem da Universidade de Brasília. Me despeço da Graduação com um imenso orgulho por ter sido aluna de um ser humano tão incrível e que realmente zela pela palavra *Humanização*.

E por fim, a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse mais essa etapa em minha vida.

“Sou força, porque todas nós somos. Sigo, porque seguiremos todas juntas. Eu sou Marielle Franco. Mulher, negra, mãe, da favela. Eu sou porque nós somos.”

Marielle Franco

RESUMO

Introdução: O ingresso no ensino superior é marcado por muitos desafios, principalmente para mulheres que precisam conciliar a vida acadêmica com a maternidade, em geral, acompanhada de diversas outras demandas e funções como donas de casa e trabalhadoras informais. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma estudante do curso de enfermagem de uma universidade federal ao conciliar a vivência da maternidade com a vida acadêmica. **Método:** Trata-se de um estudo autobiográfico de uma estudante de enfermagem ao vivenciar a maternidade com a vida universitária. O relato foi realizado a partir das memórias vivenciadas no período de sua jornada acadêmica, de março de 2017 a novembro de 2020. **Resultados:** O relato foi apresentado a partir dos temas mais marcantes da jornada da estudante, sendo organizada nos seguintes tópicos: 1. Da descoberta à vivência da gravidez; 2. O parto e suas complicações: *Near Miss*; 3. *Baby blues*; 4. A importância da creche e da rede de apoio à mãe universitária; 5. Ser mãe de uma criança com uma doença inflamatória crônica das vias aéreas: asma, e por fim, 6. Pandemia 2020 e o desafio da atividade remota. **Considerações finais:** Este relato autobiográfico mostra que a autora, e tantas outras mulheres que exercem a maternidade, resistem a diversas variáveis ambientais no decorrer da jornada acadêmica na tentativa de concluir o ensino superior.

Palavras-chaves: Maternidade; Estudante de Enfermagem; Educação Superior.

ABSTRACT

Introduction: Entering higher education is marked by many challenges, especially for women who need to reconcile academic life with motherhood, in general, accompanied by several other demands and functions such as housewives and informal workers. **Objective:** To report the experience of a student in the nursing course at a federal university when reconciling the experience of motherhood with academic life. **Method:** This is an autobiographical study of a nursing student when experiencing motherhood with university life. The report was made from the memories lived during the period of her academic journey, from March 2017 to November 2020. **Results:** The report was presented from the most striking themes of the student's journey, being organized into the following topics: 1. From discovery to experiencing pregnancy; 2. Childbirth and its complications: Near Miss; 3. Baby blues; 4. The importance of the day care center and the support network for the university mother; 5. Being the mother of a child with a chronic inflammatory disease of the airways: asthma, and finally, 6. Pandemic 2020 and the challenge of remote activity. **Final considerations:** This autobiographical report shows that the author, and so many other women who exercise motherhood, resist several environmental variables during the academic journey in an attempt to complete higher education.

Keywords: Maternity; Nursing, Student; Education, Higher.

SUMÁRIO

1 PALAVRAS INICIAIS	10
1.1 Mulher: A maternidade e a Universidade.....	10
1.2 Os estudantes não tradicionais e os fatores ambientais no Modelo do Atrito Estudantil	10
1.2.1 Variáveis ambientais	12
2. OBJETIVO	15
3. O FAZER AUTOBIOGRÁFICO	16
4. MINHA HISTÓRIA EM DIÁLOGO COM A LITERATURA	18
4.1 Muito prazer, sou Jéssica!	19
4.2 Da descoberta à vivência da gravidez	20
4.3 O parto e suas complicações: <i>Near Miss</i>	21
4.4 <i>Baby blues</i>	23
4.5 A importância da creche e da rede de apoio às mães universitárias.....	23
4.6 Ser mãe de uma criança com doença inflamatória crônica das vias aéreas: asma.....	26
4.7 Pandemia 2020 e o desafio da atividade remota.....	27
5. ATÉ LOGO	30
6. REFERÊNCIAS	33



Fonte: MISHRA (2018)

1. PALAVRAS INICIAIS

1 PALAVRAS INICIAIS

1.1 Mulher: A maternidade e a Universidade

Diante das diferenças de gênero estabelecidas ao longo da história da humanidade, a busca pela independência e autonomia da mulher está a se consolidar e fortalecer nos âmbitos sociais, especialmente no cenário da universidade (ANGELES, 2017).

Paim (1998 apud OLIVEIRA, 2008) reforça que uma das funções significativas e de extrema relevância da universidade é a busca pela promoção e evolução pessoal e profissional da mulher, sendo importante observar e analisar fatores que impossibilitem e atrapalhem a permanência das mulheres na instituição de ensino.

Entre as mulheres que cursam o ensino superior, muitas delas desempenham diversas outras funções, como de mães, donas de casa e profissionais que trabalham fora (GONÇALVES; TERNOVOE, 2017).

A maternidade e a gravidez, além de fenômenos biológicos, também incluem acontecimentos no âmbito social, cultural e afetivo, ou seja, por mais que aconteçam mudanças no corpo de uma mulher, também são construídos conceitos e responsabilidades no âmbito social onde a mulher está inserida (PAIM, 1998 apud OLIVEIRA, 2008).

De fato, a estudante que é mãe ou surpreendida por uma gestação não planejada enquanto cursa o nível universitário vive uma experiência exclusiva, incomparável e percebida de maneira específica (TERRA, 2019).

A universidade tem um importante papel para a vida da mulher por propiciar uma formação profissional e ascensão pessoal. Ainda que nos últimos anos a conquista feminina tenha se destacado pelo crescente ingresso de mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior, quando se discorre sobre os cuidados dos filhos e da casa, as primeiras a serem lembradas, cobradas e, acima de tudo responsabilizadas, são as mulheres (ARAÚJO, 2013).

Desde os primórdios da construção da mulher na sociedade, a maternidade e o cuidado vêm sendo conotados como um aspecto “negativo” e inerente à mulher como “destino natural”, sendo considerados de natureza “feminina” e desvalorizada (BITENCOURT; LEAL; p.7, 2011).

1.2 Os estudantes não tradicionais e os fatores ambientais no Modelo do Atrito Estudantil

Diante desse cenário é importante ressaltar que o percurso estudantil não é marcado somente pela formação profissional, afinal, a vivência do ensino superior oferece inúmeros desafios aos jovens universitários, que nem sempre estão preparados e lidar com entraves

durante o percurso acadêmico como: surgimento de novas regras impostas; realização de exercícios acadêmicos mais meticolosos e elaborados; responsabilidades pessoais; trabalhar fora; tempo dedicado à família, e ainda em alguns casos a conjugação entre a maternidade e a vida acadêmica (BECK; TAYLOR; ROBBINS, 2003; SOARES; GUISANDE; ALMEIDA, 2007; TEIXEIRA et al, 2008).

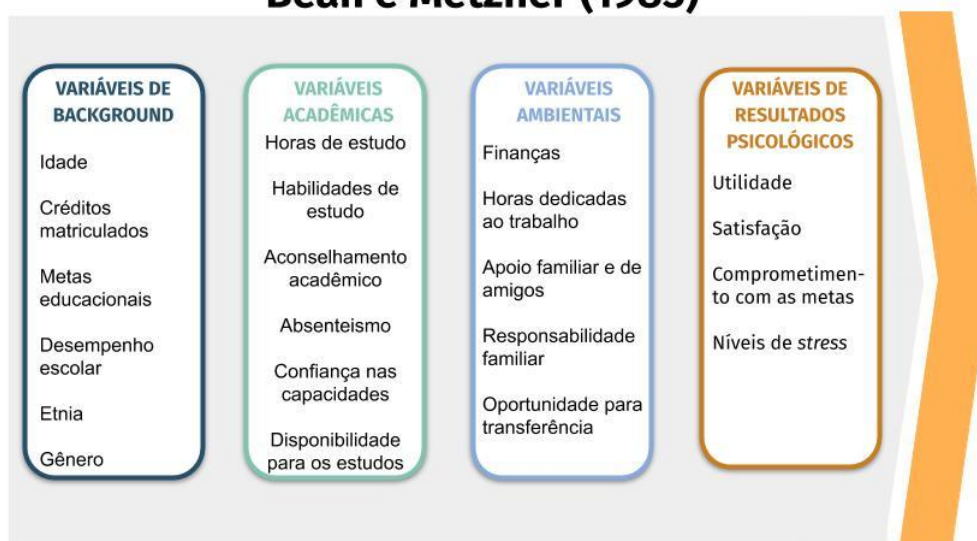
John P. Bean é professor e seguiu sua trajetória profissional no contexto da gestão universitária, onde dedicou seus estudos às teorias de aprendizagem. Em 1980, John elaborou e produziu a teoria do atrito estudantil voltada ao perfil de estudantes não-tradicionais, aqueles pertencentes ao ensino superior, mas cuja participação se encontra dificultada por fatores estruturais (RANLHE, 2009).

Mais tarde, a teoria foi aprimorada em parceria com Barbara S. Metzner (BEAN; METZNER, 1985), sendo citadas em seus estudos três características básicas de estudantes não tradicionais, são elas: 1) a idade superior a 24 anos; 2) estudantes não residentes no campus; 3) estudantes com dedicação aos estudos em tempo parcial.

Segundo os autores, essas especificidades não necessariamente precisam se apresentar juntas. O modelo do atrito estudantil foi organizado em torno de quatro categorias denominadas variáveis, a saber: variáveis de *background*, variáveis acadêmicas, variáveis ambientais e variáveis de resultados psicológico, descritas na figura abaixo.

Figura 1. Variáveis do Modelo de Atrito Estudantil.

Modelo do Atrito Estudantil e Fatores Ambientais – Bean e Metzner (1985)



Fonte: Adaptado de Bean e Metzner (1985). Elaborado no Infographics by Slidesgo

Em suma, a teoria de Bean (1980) se baseia em atribuir a influência de suas variáveis em relação à permanência e/ou abandono estudantil. Considerando o tema, adotou-se o modelo do atrito estudantil como perspectiva teórica para este trabalho com ênfase nas variáveis ambientais.

1.2.1 Variáveis ambientais

As variáveis ambientais envolvem finanças, quantidade de horas dedicadas ao trabalho, apoio familiar e de amigos, nível de responsabilidade familiar e oportunidade para transferência para outra instituição (BEAN; METZNER, 1985 apud SCHMITT, 2016).

No modelo de atrito estudantil, a variável ambiental indica que, quando os aspectos citados acima se apresentam de forma negativa como, por exemplo, a falta de apoio familiar e a limitação de tempo, estes se tornam indicadores de que o estudante estaria mais propenso ao abandono estudantil, quando comparado com estudantes que possuem as variáveis ambientais mais positivas (BEAN; METZNER, 1985 apud SCHMITT, 2016).

Vale destacar que, de acordo com os autores Bean e Metzner, o conjunto de variáveis ambientais apresentam-se como as mais dominantes na decisão de abandono dos estudos para os estudantes não tradicionais.

Os autores do modelo estudantil, deixam claro que, o conjunto de variáveis ambientais comprometidas, tais como sociais, mentais e a rede de apoio familiar e institucional, estão intrinsecamente ligadas a um desempenho acadêmico baixo (BEAN, METZNER, 1985).

Uma pesquisa realizada com alunos não-tradicionais referente ao modelo de atrito, percebeu que gênero mais prejudicado é o feminino, pois carrega em si e seus estereótipos impostos desde outrora da humanidade, sobretudo, suas responsabilidades familiares (Bean, 1980, 1982; Spady, 1971).

Ao conciliar as demandas da universidade com a condição de ser mãe, as estudantes tendem a flexibilizar suas responsabilidades acadêmicas para serem capazes de executar o papel da maternidade, com isso, a maternidade pode acabar sendo um “entrave” para os seus estudos (TACSAN, p.73, 1999 apud TERRA, 2019).

A maternidade vivenciada por estudantes de enfermagem é um tema pouco discutido no meio acadêmico, ainda mais se considerarmos o estereótipo de gênero que envolve a enfermagem desde seus primórdios, uma profissão exercida exclusivamente por mulheres, reputadas socialmente como “candidatas natas ideais” para exercerem o papel de cuidar (CUNHA; SOUZA, 2016).

A minha motivação para realizar este trabalho, perpassa o desafio de abrir caminhos e quebrar as barreiras sobre esse assunto. Ela se tornou a linguagem mais concreta não só da minha

trajetória, mas como a de muitas outras mulheres que não encontraram uma oportunidade de serem ouvidas.

Motivo-me na direção de construir um espaço de diálogo permanente e esclarecedor, para uma universidade que trate de maneira mais justa os diferentes, isto é, reconhecendo que há necessidades específicas de determinados grupos e que deve haver equidade para se reduzir o impacto dessas diferenças.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo relatar a minha experiência como estudante do curso de enfermagem de uma universidade pública federal ao conciliar a vivência da maternidade com a vida acadêmica.



Fonte: MISHRA (2018)

2. OBJETIVO

2 OBJETIVO

Relatar a experiência de uma estudante do curso de enfermagem de uma universidade federal ao conciliar a vivência da maternidade com a vida acadêmica.



Fonte: MISHRA (2018)

3. O FAZER AUTOBIOGRÁFICO

3 O FAZER AUTOBIOGRÁFICO

Trata-se de um estudo autobiográfico de uma estudante de enfermagem ao vivenciar a maternidade com a vida universitária.

O relato autobiográfico refere-se à escrita da própria vida, onde pesquisador e narrador estão reunidos na mesma pessoa em um diálogo que reconhece múltiplos "eus" e o seu próprio "outro", ou seja, um sujeito que vive uma dualidade de proximidade e distanciamento, de apropriação e estranhamento nesse processo (MARQUES; SATRIANO, 2017).

Camasnie (2007) diz que, ao ser narrador, o homem não somente se faz espectador da própria vida, mas também ator com aqueles que ouvem o contar da sua história. Nesse contexto, o narrador/pesquisador não tem como ser neutro, pois a narrativa traz sua marca singular.

As narrativas de histórias pessoais estão apoiadas principalmente na memória do narrador, um fazer que envolve muito mais do que rememorar acontecimentos para contá-los (isso seria apenas informar), antes, implica principalmente em uma lembrança ativa que oportuniza a compreensão, a reflexão e a libertação (CAMASMIE, 2007).

Assim, a experiência narrada neste trabalho compreende um empenho ativo da estudante em compreender, refletir e questionar sua própria história a partir de suas memórias vivenciadas durante o período de sua jornada acadêmica, de março de 2017 a novembro de 2020, na Universidade de Brasília (UnB), Campus Darcy Ribeiro, Faculdade de Saúde- FS.

Para fins de apresentação da narrativa, destacaram-se os temas mais marcantes dessa jornada, a saber: 1. Da descoberta à vivência da gravidez; 2. O parto e suas complicações: *Near Miss*; 3. *Baby blues*; 4. A importância da creche e da rede de apoio à mãe universitária; 5. Ser mãe de uma criança com uma doença inflamatória crônica das vias aéreas: asma, e por fim, 6. Pandemia 2020 e o desafio da atividade remota.

Por se tratar de um estudo que tem como foco a narrativa da experiência pessoal da própria estudante, autora deste trabalho, dispensou-se a submissão deste ao Comitê de Ética em Pesquisa.



Fonte: MISHRA (2018)

4. MINHA HISTÓRIA EM DIÁLOGO COM A LITERATURA

4 MINHA HISTÓRIA EM DIÁLOGO COM A LITERATURA

4.1 Muito prazer, sou Jéssica!

Meu nome é Jéssica, tenho 24 anos, sou casada e tenho um filho de 3 anos de idade. Além disso, sou dona de caso e universitária, estudo enfermagem.

A escolha pela minha profissão não se deu em um momento específico da minha vida. Segundo relatos da minha família, aos sete anos de idade eu criei um portfólio com aparência de atlas de anatomia humana, totalmente colorido e inspirado em livros que possuíamos em casa.

Sinto uma forte conexão com a enfermagem e, segundo minhas crenças, ousaria dizer que até desenvolvo esse trabalho de cuidar há muito tempo. A escolha da enfermagem sempre foi uma certeza para mim e foi então que em março de 2014 ingressei no curso de Enfermagem da Universidade de Brasília através do Programa de Avaliação Seriada - PAS.

Este trabalho contempla o período entre março de 2017, momento em que se iniciou minha jornada como mãe e estudante, a novembro de 2020, período delimitado para fins de escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, considerando a previsão de me graduar em dezembro de 2020.

Para apresentar o relato da minha história, destaquei situações mais marcantes que vivenciei nesse período, que estão representadas na linha do tempo abaixo e serão detalhadas nos próximos tópicos (Figura 2).

Figura 2. Linha do tempo da minha história



Fonte: Elaborado pela própria autora através do Infographics by Slidesgo

4.2 Da descoberta à vivência da gravidez

Em setembro de 2016 mudanças fisiológicas começaram a desvelar uma possível gestação, sinais como um leve mal estar levantaram a suspeita e então busquei sanar a minha dúvida, realizando então exame de sangue.

No dia 20 de setembro de 2016, por volta das 14:00 horas, estava aguardando uma prova prática da disciplina de Fundamentos de Enfermagem, quando decidi acessar o resultado *online* do exame de sangue. Naquelas circunstâncias, descobri que estava grávida e um turbilhão de sentimentos foram gerados, já que se tratava de uma gravidez não planejada.

A descoberta da gravidez provoca diversos sentimentos e emoções, como alegria, surpresa, medo e insegurança. Fatores como o desejo da mulher em relação à gravidez e o planejamento pessoal contribuem para uma vivência de sentimentos significativamente positivos. Mas, por outro lado, sentimento de insegurança, medo e solidão também podem se manifestar (RAPOPORT; PICCININI, 2006).

Durante essa fase na faculdade o meu desempenho foi comprometido, a gestação era uma novidade tanto para o meu corpo, quanto para minha mente. Eram recorrentes os episódios de sono e a falta de concentração em meios às aulas.

Nesse período eu pensei em desistir da graduação, pois sabia que os maiores desafios ainda estariam por vir com a chegada da criança. De fato, a chegada de um filho requer dedicação, logo, o tempo aplicado aos estudos será reduzido na tentativa de aliar as duas demandas, resultando em uma alteração no rendimento acadêmico (SILVESTRE, 2019).

No que se refere à estudante grávida, no Brasil, a lei nº 6.202, sancionada em 17 de abril de 1975, instituída pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, assegura o direito de exercícios domiciliares à estudante em estado de gestação e dá outras providências (BRASIL, 2016).

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969. Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola.

Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto. Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (BRASIL, 2016).

De acordo com a referida lei, a partir do oitavo mês de gestação é dada à gestante a possibilidade de continuar o curso através de exercícios domiciliares, o que no meu caso foi inviável, levando-se em consideração a matriz curricular do curso de enfermagem que demanda práticas, que são insubstituíveis por atividades domiciliares.

Não me restou outra opção, a não ser, deixar de cursar as disciplinas. É um tanto desanimador e, de fato, senti falta de estar ligada ao meu curso. Considerando que o curso de enfermagem é predominantemente feminino, e que não sou a primeira e nem a última estudante que terá filhos durante a graduação, por que não pensar em mais disciplinas teóricas optativas, inclusive sobre cuidado da mulher e do neonato, que possam ser cursadas em domicílio? São apenas algumas reflexões e inquietações...

4.3 O parto e suas complicações: *Near Miss*

No dia 11 de março de 2017, às 1:56 da manhã, no Hospital Regional de Taguatinga - HRT, nascia meu filho, por parto via vaginal após 18 horas em trabalho de parto ativo.

Porém, algo que eu não esperava aconteceu no puerpério. Após 72 horas apresentei sintomas como pirexia, dor abdominal e hemorragia. Retornei ao hospital e foi realizado um exame de sangue. A amostra apontou uma quantidade elevada de leucócitos, esse evento resultou em 48 horas de observação em uma unidade semi-intensiva e 22 dias de hospitalização.

Quando algo dessa forma acontece, pode-se falar sobre um evento chamado *Near Miss*. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define que *Near Miss* Materno é um termo utilizado para designar mulheres que sobreviveram a condições ameaçadoras à vida, ou seja, mulheres que quase morreram, mas sobreviveram às complicações que se instalaram durante a gravidez, parto ou até 42 dias após o fim da gestação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2011).

Através de um exame médico minucioso foi apontada uma grande quantidade de placenta retida no útero, diagnosticando-se uma endometrite, e, por conta disso, fui submetida a um procedimento conhecido como curetagem.

Um estudo realizado através da análise de prontuários de pacientes admitidas na unidade de terapia intensiva em um hospital terciário de Recife apontou que ocorre um óbito materno a cada 4,5 casos de *near miss*. Foram identificados 255 casos, totalizando uma proporção de *near miss* materno de 12,8/1.000 nascidos vivos, o que indica que muitas mulheres no puerpério em condições ameaçadoras de vida morrem, sendo essencial e

necessária a melhoria na assistência prestada à gestante, parturiente e puérpera (OLIVEIRA; COSTA, 2015).

Foram inúmeras as intercorrências que aconteceram após o meu parto devido a essa condição clínica que experienciei. Somente após 22 dias da data do parto tive condições de entrar em contato com a faculdade e providenciar questões relacionadas à licença maternidade.

Após a alta hospitalar, liguei no Serviço de Atendimento ao Aluno - SAA e fui informada que deveria comparecer presencialmente à Faculdade de Saúde para solicitar o trancamento justificado, que pode ser parcial ou geral.

O trancamento parcial de matrícula justificado dá-se quando não se admite a aplicação de exercícios domiciliares em determinada disciplina. Já o trancamento geral de matrícula justificado é realizado quando nenhuma das disciplinas que o estudante estiver matriculado admitir execução de atividades em casa (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2020a).

Enfrentando todos os desconfortos físicos possíveis, compareci à universidade no dia 4 de abril de 2017. No SAA, preenchi os documentos referentes à solicitação de trancamento justificado de matrícula. Para além desse processo, fui encaminhada ainda a uma perícia no Hospital Universitário (HUB) devido a minha solicitação tardia.

Acreditando que após tanta burocracia minha solicitação seria, enfim, deferida, fui surpreendida quando acessei o sistema de Matrícula Web (MW)¹ e meu status de aluna constava como matrícula regular.

Exausta física e mentalmente realizei imediatamente o trancamento sem justificativa pela plataforma MW. Em suma, meu sentimento de desamparo e dúvida foi intensificado pelo posicionamento inconsistente apresentado pela universidade, que indeferiu a minha requisição.

Cabe aqui ressaltar que nesse momento existia uma rede de apoio no âmbito da minha família que me ajudou para que, de fato, eu concluísse o processo dentro das exigências que a Universidade solicitou, porém existem mães “solo” com realidade bem distante da minha.

A humanização transcende as barreiras da teoria, e no âmbito da vida universitária, não deve ser diferente. Naquele momento vivenciei a utopia da burocracia em contrapartida com a humanização; esperava ser acolhida da mesma maneira que me ensinaram a acolher meus futuros pacientes.

Em estudo que analisou a humanização no curso de bacharelado em enfermagem em uma universidade pública, verificou-se limitações no processo de formação acadêmica, o qual

1 O sistema de Matrícula Web (também conhecido como MW) é o sistema da UnB no qual são realizadas as solicitações de matrícula nas disciplinas. Nesse espaço, estudante podia visualizar grade horária, histórico escolar e solicitar trancamento de matrícula. No 2º semestre de 2020, o MW foi substituído pelo sistema SIG.

revelou integração frágil e comunicação conflituosa entre alunos, docentes, instituição e o processo de ensino serviço. Observou-se ainda que, em relação à humanização, não existe um consenso no meio dos docentes e discentes, o que aponta para a necessidade de construção de uma consciência coletiva de todos os envolvidos em um processo educacional mais humano (CARVALHO et al, 2016).

4.4 Baby Blues

Um mês antes do meu retorno iniciou-se uma crise sem precedentes. Sentimentos de incapacidade e culpa em relação ao meu filho eram frequentes, então, com isso, a produção do meu leite diminuiu, e o pediatra entrou com a fórmula para complementar a alimentação dele. Nesse período, através de uma avaliação pessoal, percebi que as coisas não estavam bem e procurei ajuda médica, tendo sido diagnosticada com *baby blues*.

O *baby blues* é definido como um evento de fortes modificações nas dimensões emocional, cognitiva, comportamental e física, que interferem no convívio da mãe, filho e de seus familiares (BORDIGNON, 2011).

No Brasil 40% das mães desenvolvem a depressão, sendo que 10% apresentam a forma mais severa (SOMBRA, 2019). Segundo um estudo realizado entre abril e maio de 2008, com 95 puérperas de uma maternidade de referência da cidade de Fortaleza-CE/Brasil, a ocorrência de *baby blues* foi relacionada a eventos traumáticos relacionados nos últimos 12 meses (GOMES, et al., 2010).

Acredito que em decorrência do *Near Miss materno* vivido no puerpério, vários aspectos do *baby blues* podem ser justificados. Durante aquele semestre, fiz uso do medicamento *Fluoxetina* 10 mg, 2 vezes ao dia, durante 50 dias, para auxiliar na minha recuperação.

Auxílio esse que não compreendia a natureza do problema. A necessidade do uso de medicamentos é uma realidade, porém, lidar com o *baby blues* foi muito além. Sentia carência de espaços de diálogos na própria faculdade sobre o momento que eu estava passando. Por muitas vezes me questionei sobre ser a única pessoa a passar por aquilo; não era possível a falta de visibilidade do problema.

4.5 A importância da creche e da rede de apoio às mães universitárias

Ao longo do tempo muitas indagações rodeavam a minha mente, como: Qual o papel que a universidade vem desempenhando para o amparo de mães universitárias? Existem creches nas universidades? Há reuniões acadêmicas para o fortalecimento dessas mulheres?

Há estruturas urbanísticas úteis como fraldários em locais seguros e tranquilos para a amamentação? Há garantia da matrícula em todas as disciplinas do curso no semestre durante o período de gestação e posterior a este?

O Decanato de Assuntos Comunitários dispõe do Programa Auxílio Creche, o qual visa conceder auxílio financeiro a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica que sejam responsáveis legais e residam com crianças com idade entre zero e cinco anos incompletos. Porém, de acordo com os editais disponíveis, é possível observar que a oferta das bolsas não contempla a real demanda.

As redes de apoio são fundamentais para que haja êxito durante a transição da vida acadêmica e adaptação dos alunos na faculdade. Durante a trajetória acadêmica, os jovens vão identificando particularidades concebidas, e com isso percebem a importância que é encontrar meios que os ajudem a conciliar as atividades acadêmicas e a vida pessoal (OLIVEIRA, DIAS, 2014).

Um dos elementos a serem pensados como rede de apoio é o acesso a meios de cuidado direcionado à criança, como é o caso de creches que atuam na prestação de serviços de cuidado e educação enquanto os pais não podem estar presentes, seja por estarem trabalhando, seja por serem estudantes em tempo integral.

A legislação aborda no Decreto nº 93.408, de 10 de outubro de 1986, o direito assistido a homens e mulheres de creches em seus ambientes de trabalho, inclusive no ambiente acadêmico, que desdobrava debates desde 1972. Com a promulgação do decreto o número de creches aumentou significativamente em várias universidades federais e estaduais, totalizando 26 creches instaladas em 19 de 52 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), além de algumas estaduais, ainda na década de 1980 (AQUINO,2018).

Porém, o processo de instauração das creches foi freado pelo Decreto federal nº 977, de 10.11.1993, que prevê auxílio pré-escolar para funcionários públicos. Dessa forma, houve uma estagnação na alocação das creches nos locais de trabalho, reduzindo o acesso e impedindo que, tanto estudantes, como funcionários tivessem a oportunidade de estar próximos ao ambiente onde seus filhos estavam (AQUINO,2018).

Os movimentos continuam atuais e inevitáveis. Na UERJ, por exemplo, em 2014 foi registrado um movimento estudantil, onde mães universitárias reivindicaram creches na universidade para seus filhos. O ato foi expresso nas redes sociais, documentos escritos e, cartazes como mostra na figura 3 abaixo:

Figura 3. Movimento estudantil UERJ

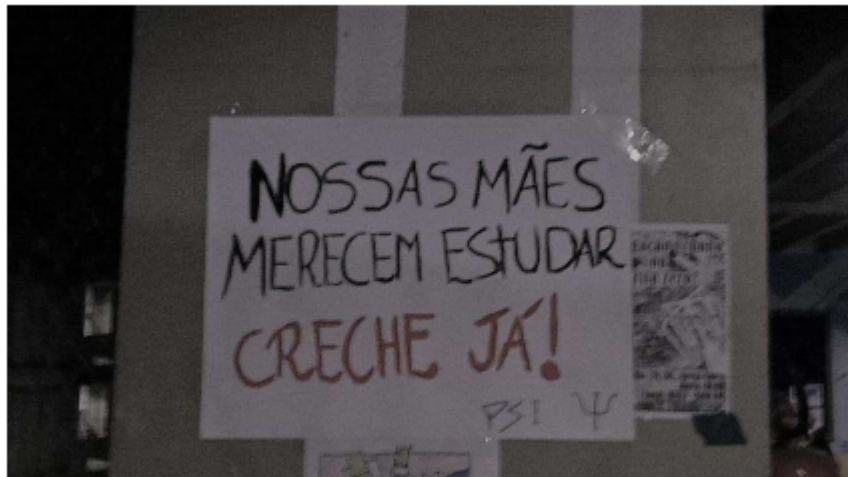


Foto 2: Cartaz do Movimento Estudantil por Creche. UERJ/Maracanã. Maio/2015
Foto da autora.

Fonte: Aquino (2018), p. 52.

Em minha experiência, nunca consegui ser contemplada em nenhuma instituição pública da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Neste período, o pai do meu filho começou a pagar uma creche no sistema particular no valor R\$1.300,00, período integral. Esta era a minha realidade e sou muito grata por isso, mas é um cenário completamente diferente de muitas mulheres que não encontram apoio governamental.

Além do mais, o ambiente universitário nunca foi considerado um lugar para criança. Pouco se discute a necessidade de creche nas universidades, sejam para servidores ou estudantes com filho(s) pequeno(s). Logo, se não há creches públicas e gratuitas para o grupo de mães na universidade, isso ratifica que a estrutura não é totalmente aplicável às necessidades da família brasileira (SILVANA, 2017).

De acordo com o *Fundo das Nações Unidas para a Infância* (2019), a educação pré-primária é uma preparação crucial para todo o percurso educativo de uma criança. Um programa educacional de qualidade nos primeiros anos de vida gera impactos positivos (OCDE, 2012), beneficiando uma melhor aprendizagem, desenvolvimento e bem estar da criança (SOUSA, 2019).

Se dentro do ambiente acadêmico não houver espaços para discussão e implementação de políticas direcionadas às necessidades das mães universitárias, o número de evasão tende a ser consideravelmente crescente ao longo dos anos, pois, segundo o modelo de *atrito estudantil*, quando a estudante tem muitas responsabilidades familiares, a sua dedicação aos estudos tende a ser parcial/limitada (BEAN, 1980).

4.6 Ser mãe de uma criança com uma doença inflamatória crônica das vias aéreas: Asma

Quando finalmente consegui organizar a grade horária do meu curso, colocar o meu filho na creche e equilibrar as minhas questões emocionais fui surpreendida com outro desafio.

No dia 22/10/2018 meu filho apresentou dificuldade para respirar, com apenas 1 ano e 4 meses de vida, a saturação dele foi de 89%. Imediatamente, eu e o meu marido o levamos para a emergência mais próxima, o que resultou em uma internação de 12 dias e um diagnóstico de asma crônica.

Com o passar do tempo, as crises começaram a ser semanais, mesmo com o uso contínuo dos medicamentos de controle. Foi então que, neste momento, houve um divisor de águas na minha vida. Além da condição de mãe-universitária e dona de casa, passei a ser: universitária, dona de casa e mãe de uma criança asmática.

Viver os sustos e inconstantes sensações de impotência diante das crises imprevisíveis de asma do meu filho, o que afetou diretamente o meu desenvolvimento acadêmico.

A asma infantil é uma doença inflamatória crônica, que se apresenta com quadros recorrentes de sibilância, dispneia, tosse e ocasiona mudanças no desenvolvimento individual da criança e na atividade familiar (COSTAL, ZANOLLI, NOGUEIRA, 2018).

Um estudo realizado com o objetivo de descrever a frequência do estresse de mães e cuidadoras de crianças com asma, atendidas em um ambulatório público de pneumologia pediátrica da cidade do Rio de Janeiro, verificou que de 53 mães e cuidadoras de crianças/adolescentes, com idade de 2 e 12 anos e diagnóstico de asma, 86,8% apresentaram níveis de estresse elevados.

Ressalto que nesse mesmo período excedi os limites de faltas, tanto nas aulas quanto nos estágios. Os cansaços das noites mal dormidas sobressaíram-se durante o dia, além do mais, foram inúmeros os episódios em que a creche me acionava durante as aulas para buscá-lo, pois não sabiam como agir diante das crises asmáticas.

O cuidado a crianças com doenças crônicas é realizado primordialmente pela mãe, acarretando um aumento da sobrecarga do trabalho e causando condições adversas, como uma queda na qualidade de vida da cuidadora, tal que enquanto não forem estipuladas políticas públicas de atenção específica às cuidadoras, a qualidade de vida delas continuará sendo impactada (MACEDO, 2015).

4.7 Pandemia 2020 e o desafio da atividade remota

Em 2020 uma pandemia global se alastrou de forma rápida, causando mortes e moléstias, surpreendendo a todos e deixando até mesmo os países mais desenvolvidos sem um plano de ação.

Segundo o Ministério da Saúde, o novo coronavírus SARS-COV 2 integra uma cepa viral já conhecida por causar infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19, após casos registrados na província de Whuan na China e ocasiona a doença denominada de Coronavírus Disease 19 - COVID-19 (BRASIL, 2020).

Segundo o Ministério da Saúde, a Covid-19 no Brasil alcançou em 10 de novembro de 2020, 162.638 óbitos registrados e 5.675.766 milhões de casos confirmados, com isso, nosso país registrou 251 mortes por Covid-19 em 24 horas.

As medidas de isolamento social foram impostas em todo o globo por causa da forma de contágio. Por conta do grande potencial de infecção por via aérea do vírus, uma distância de pelo menos 1 metro foi estabelecida a fim de evitar/ diminuir o contágio por meio das gotículas no ar, restringindo também a circulação e aglomeração.

Neste contexto, a Universidade de Brasília, aprovou no dia 23 de março, por unanimidade, a suspensão do calendário acadêmico pelo tempo que durasse a situação de emergência de saúde relacionada à pandemia do novo coronavírus no Distrito Federal (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2020b).

Visto que o surgimento da pandemia desordenou a rotina de outras mães universitárias, assim como a minha, senti a necessidade de desenvolver uma rede de apoio. Foi então que tomei a iniciativa de criar um grupo pelo aplicativo mobile *WhatsApp*, que intitulei: “*Estudantes, mães e amigas FS UNB*”.

Esse grupo tem como intuito compartilhar as nossas rotinas. Conversamos sobre como tem sido passar a quarentena com as crianças em casa, trocamos ideias e também conselhos. É composto por 13 participantes, e, até o momento, todas são do curso de enfermagem da Universidade de Brasília.

O mais interessante é que quando alguma participante se sente devastada por algo, logo as outras mulheres a amparam, proporcionando assim, uma efetiva rede de apoio psicológico, afinal, todas passam por situações comuns no dia a dia.

As redes de apoio na universidade, ainda que digitais, são fundamentais na transição e adaptação dos estudantes à universidade, fortalecendo o vínculo com curso (OLIVEIRA, DIAS, 2014). De fato, quanto maior for o entendimento e o conhecimento sobre as redes disponíveis, mais satisfatória e positiva será a experiência acadêmica (MATIAS, MARTINELLI, 2017).

Diante de todas as mudanças sociais e de isolamento, o meu maior desafio foi finalizar o trabalho de conclusão do curso. Naquele momento, com as aulas suspensas, minha rotina estava focada nas atividades relacionadas ao meu filho, para além das outras obrigações diárias. Tudo havia mudado, o tempo que ele estava na creche, que sagradamente era reservado para os meus estudos, passou a não existir.

Além do mais, por se tratar de uma doença com complicações respiratórias, meu filho portador de asma crônica, fazia parte do grupo de risco, o que aumentou ainda mais os cuidados para sua proteção.

Durante o período de quarentena, enquanto parte dos colegas da universidade que não possuem essa rotina da maternidade reservavam seu tempo exclusivamente às produções acadêmicas, eu me sentia desprivilegiada no que tange ao tempo disponível para investir nos meus estudos.

Lima e Morais (2020) realizaram uma pesquisa onde traçaram alguns pontos cruciais sobre o desenvolvimento de atividades por mulheres durante a pandemia, entre elas destacaram-se a dificuldade de conciliar as atividades que se tornaram remotas com o cuidado dos filhos e tarefas domésticas.

Outro estudo, realizado por Castro e Changuri (2020), nos mostra o quão distintas têm sido as visões entre homens e mulheres sobre produtividade durante a pandemia, especialmente no contexto de *home office*. Para as mulheres, o rendimento tem sido menor pelo motivo de serem interrompidas o tempo todo por outras pessoas e responsabilidades domésticas em comparação aos homens, que conseguem se concentrar com mais êxito em seus trabalhos.

Além disso, em um levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19, verificou que mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (principalmente com idade até 12 anos) foram os grupos, cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia, principalmente nas submissões de artigos. Já a produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi menos afetada pela pandemia (PARENT IN SCIENCE, 2020).

Durante a pandemia, vivi um momento muito difícil, envolto por crises de ansiedade e preocupações de diversas naturezas. Mais uma vez, tentei manter o foco e o pensamento positivo em relação aos meus projetos e às possibilidades de desenvolver da melhor forma minhas atividades em casa. É isso que eu chamo de resiliência, a capacidade dos seres humanos em se adaptarem em meio a situações adversas.

Uma característica marcante de um aluno não- tradicional é exatamente tentativa de uma conciliação entre a participação na faculdade e as outras responsabilidades pessoais (BEAN, METZNER,1985).

Por alguns momentos, a sensação de fracasso e incapacidade me convenciam que seria impossível concluir essa tarefa. Mas quando leio todo esse relato sobre a minha história, percebo que, na verdade, a maternidade fez-me mais forte do que eu poderia imaginar, despertando em mim a capacidade de transpassar as barreiras que tentam limitar a minha luta de ser mulher, mãe, estudante universitária e, em breve, enfermeira.



Fonte: MISHRA (2018)

5 Até logo

Percebe-se através da teoria de John P. Bean e de meu relato de autobiográfico, que eu e muitas outras mulheres que exercem a maternidade, resistem a muitas variáveis ambientais que influenciam no decorrer da jornada acadêmica, na tentativa de concluir o ensino superior. Em meio a tantos impasses e desafios, a frase que definiria esse relato de experiência seria: “*Resiliência: A arte de crescer diante das dificuldades.*”

Espero que este trabalho seja capaz de despertar uma maior reflexão sobre políticas públicas que visam a permanência de mulheres mães na universidade. Que outros relatos de vida despontem e que mais mulheres sejam encorajadas a alcançar seus objetivos na vida acadêmica, sem serem embargadas por levarem um estilo de vida acadêmico não tradicional.

Afinal, o que é tradicional ou não-tradicional? São muitas formas de ser estudante, e totalmente não-lineares!

Por isso mesmo é que proponho que tenham mais estratégias que acolham a diversidade de perfis de estudantes de forma a favorecer uma jornada acadêmica de sucesso e qualidade, mesmo diante de tantas outras responsabilidades e facetas da vida.

Ademais, sugiro que novos trabalhos sejam realizados salientando aspectos políticos como o direito das creches nas universidades, projetos de infraestrutura que possibilitem um lugar seguro e tranquilo para amamentação, entre outros, que beneficiem e contribuam para a permanência das mães estudantes nas universidades.



Fonte: MISHRA (2018)

6. REFERÊNCIAS

6 REFERÊNCIAS

- AQUINO, L. M. L. “Pelo direito de ser mãe e estudante”: Educação Infantil na pauta estudantil universitária. ” **Revista Zero-a-seis**, v. 20, n. 37, p. 42-57, 2018.
- ARAÚJO, E. BITENCOURT, S. M. **Maternidade e carreira**: reflexões acadêmicas na fase de doutorado. Jundiaí: Paco, 2013.
- BECK, R. TAYLOR, C. ROBBINS, M. Missing home: sociotropy and autonomy and their relationship to psychological distress and homesickness in college freshmen. **Anxiety, Stress and Coping**, v. 16, 155-62, 2003.
- BITENCOURT, S. M; LEAL, E. R. M. Maternidade no doutorado: Felicidade ou sofrimento? In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 4., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná , 2011.
- BORDIGNON, J. S. et al. Depressão puerperal: definição, sintomas e a importância do enfermeiro no diagnóstico precoce. **Revista Contexto & Saúde**, v. 10. n. 20, p. 875-80, 2011.
- CAIRO, S.; SANT'ANNA, C. C. Estresse em mães e cuidadoras de crianças e adolescentes com asma: um estudo sobre a frequência do estresse e fatores estressores. **Cad. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 393-400, 2014.
- CASTRO, B.; CHAGURI, M. M. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. **Linha mestra**, n. 41a, p.23-31, 2020.
- CAMASMIE, A. T. **Narrativa de histórias pessoais**: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CARVALHO, N. M. et al. O ensino da humanização no curso de bacharel em enfermagem numa universidade pública. **Rev enferm UFPE on line**, v. 10, n. 12, p. 4554-62, 2016.
- COSTA, R. S. et al. Vivência materna no cuidado da criança com asma. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 26, e16983, 2018.
- CUNHA, F. F. Y; SOUZA, R. R. Gênero e enfermagem: Um ensaio sobre a inserção do homem no exercício da enfermagem. **Revista Rahis**, v. 13, n.3, p. 140-9, 2016.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância**. Um Mundo Pronto para Aprender: Dar prioridade à educação na primeira infância com qualidade – Resumo sobre patrocínio, UNICEF, Nova Iorque, abril de 2019.
- GOMES, L. A. et al. Identificação dos fatores de risco para depressão pós-parto: importância do diagnóstico precoce. **Revista Rene**, v. 11, esp, p. 117-23, 2010.
- GONÇALVES, J. P; TERNOVOE, J. Desafios vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. **Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 116-42, 2017.

LIMA, L. M; MORAIS, L. L. A. A pandemia de covid-19 na vida de mulheres brasileiras. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c22568, 2020.

MACEDO, E. C. et al. Sobrecarga e qualidade de vida de mães de crianças e adolescentes com doença crônica: revisão integrativa. **Rev. Latino-Am Enfermagem**, v. 23, n. 4, p. 769-77, 2015.

MARQUES, V; SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas críticas**, v.23, n.51, p. 369-86, 2017.

MATIAS, R. D. C.; MARTINELLI, S. D. C. Um estudo correlacional entre apoio social e autoconceito de estudantes universitários. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 22, n. 1, p. 15–33, 2017.

MISHRA, P. Do you feel like an Octopus? **Theoctopusmama**, 2018. Disponível em: <https://theoctopusmama.com/2018/04/24/do-you-feel-like-an-octopus/>

OCDE. **Relatório OCDE 2012**: Educação, emprego e empreendedorismo. Lisboa, Portugal, 2012.

OLIVEIRA, C. T. D.; DIAS, A. C. G. Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 187, 2014.

OLIVEIRA, E. C; MORAIS, A. Vivências acadêmicas e adaptação de estudantes de uma universidade pública federal do Estado do Paraná. **Rev Educação públ**, v. 24, n. 57, p. 547-68, 2015

OLIVEIRA, L. C; COSTA, A. R. R. Near miss materno em unidade de terapia intensiva: aspectos clínicos e epidemiológicos. **Rev bras ter intensiva**, v. 27, n. 3, p. 220-27, 2015.

Organização Mundial da Saúde. **Avaliação da qualidade do cuidado nas complicações graves da gestação**: A abordagem do near miss da OMS para a saúde materna. 2011.

PAIM, H. H. S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L. F. D.; LEAL, O. F. (Org.). Doença, sofrimento e perturbação: perspectivas etnográficas. **Fiocruz** p. 31-47. Rio de Janeiro, 1998.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**, 2020. Disponível em: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true

RANHLE. **Access and Retention**: Experiences of Non-traditional Learners in Higher Education. Lifelong Learning Programme, 2009.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. Apoio social e experiência da maternidade. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n. 1, p. 16, 85-96, 2006.

REIS, S.A.S. **Ser mãe na Universidade**: Uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrízes acerca das políticas de assistência social de uma IFES. 2017. 31 f. Monografia

(Graduação em Administração) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SCHMITT, R. E. **A permanência na universidade analisada sob a perspectiva bioecológica**: integração entre teorias, variáveis e percepções estudantis. 2016. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVANA, M. B. Maternidade e Universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 41., 2017, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2017.

SILVESTRE, D. L. Maternidade e vida acadêmica: Um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do campus da UFPA em Castanhal. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, 2019.

SOARES, A. P.; GUISANDE, M. A.; ALMEIDA, L. S. Autonomía y ajuste académico: un estudio con estudiantes portugueses de primer año. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v. 7, n. 3, p.753-75, 2007.

SOMBRA, I. C. O conhecimento na competência da teoria e da prática em enfermagem 1. Ponta Grossa (PR): **Atena Editora**, 2019.

SPADY, W. G. Dropouts from higher education: toward an empirical model. **Interchange**, v. 2, n. 3, p. 38-62, 1971.

TACSAN, M. A. Vivencias de la Maternidad en un grupo de estudiantes de la Universidad de Costa Rica. **Revista de ciencias sociales**, v. 43, n. 84-85, p. 63-74, 1999.

TEIXEIRA, M. A. et. al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p.185-202, 2008.

TERRA, A. P. R. **Dificuldade de integração das estudantes grávidas e jovens mães na universidade e no estágio**: Existe um perfil de jovem acadêmica? Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Secretaria de Administração Acadêmica. **Exercícios domiciliares**, 2020a. Disponível em: <http://www.saa.unb.br/acompanhamento-academico/18-exercicios-domiciliares>

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Suspende o calendário acadêmico do primeiro semestre letivo de 2020 da Universidade de Brasília. **Resolução n. 0015/2020**, de 24 de março de 2020b. Disponível em: https://sei.unb.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=5751795&id_orgao_publicacao=0